

## Homenagem à música e aos músicos

Adérito Silveira

Não tinha sono. Na rua os cães ladravam excitados pela lua redonda.

Vieram-me à memória anos da juventude. Como então delirava e amava as noites sombrias e pesadas de inverno e com sofreguidão e embriaguez absorvia momentos de solidão e melancolia. Enfim! Águas passadas. Mas louvado seja Deus, havia horas de convulsões e bênçãos que despedaçavam muros e me transportavam ao seio vivo e fascinante do universo...

E a música pairava no ar e nas ruas, nas casas velhas e destelhadas. Havia concertos em algumas casas com pais e filhos a tocarem ao desafio, mas em espírito de união e fraternidade. Naquela noite achei-me a glosar versos de Guerra Junqueiro, versos da Moleirinha demasiado belos, versos escondidos dentro de mim que me aqueciam por dentro. Lembrava músicas que exerceram em mim um secreto fascínio...e uma enfeitada melodia exalava um odor até à incorporalidade sensual, até à candura fresca de uma manhã de orvalho.

Nomes como Zé Barrias, refinado na pandeireta e nos ferrinhos, Edmundo Fonseca cujos sopros faziam abanar as folhas de uma árvore em cima do coreto em Chacim, Zé Luís Raposo, Joaquim do Pinto, Miguel Martins, António Claudino, virtuoso no carrilhão e trompete, Diamantino Dias da estonteante e sedutora Manola, António do Raul, Albino do bombo que tremia na marcha de “Socos e Mangueiras” com medo de falhar a pancada no bombo... Álvaro Galado na caixa sempre a protestar com o povo porque lhe dava gozo... Um músico aturdido que pelo efeito do vinho procurava sofregamente a boquilha do instrumento... Álvaro Rainho o historiador da música. Diamantino Monteiro, alfaiate, que no rufo estonteante da caixa fazia vibrar os quadros das paredes. Músicos que deliravam emborcando canecas de vinho... um músico que na trompa tocava apenas duas notas distintas porque não conhecia outras. Um outro que apertado pelo intestino foi à vinha já de noite e quando regressou, com a pressa trocou o clarinete pelo toro de uma couve... há! E aquele músico que não tocava o si bemol para afinar com os restantes elementos porque dizia que essa nota já não era para ele, mas sim prós mais “nobos” que tinham mais pulmão?

E um mestre que de tão mouco desconfiava de todos... e um outro que demorava a iniciar as peças no coreto sempre enamorado pelo fascínio do seu chapéu colocado ao seu lado sobre uma cadeira devidamente asseada?...E Zé Domingos Martins com o contrabaixo à frente gesticulando com o instrumento para que os músicos não se atrasassem durante as arruadas? Estes e outros nomes fazem parte de um historial grandioso da Banda de Mateus.

Muitas pessoas quaisquer que fossem os seus nomes continuavam ali comigo como fluxos

de rebentação despedaçada e dolorosa. Ali deitado como enfermo irrecuperável lembrei uma visita ao cemitério, e lá deambulava olhos baixos, cabeça dobrada, mãos coladas como quem tem o rosário entre elas, ali junto a uma campa tinha a expressão desconsolada de todas as cruzes. Ali, não acabava só o desconhecido, ali acabava tudo e todos. Ali finavam as nossas aspirações, toda a nossa cultura, todas as nossas crenças, toda a nossa alegria de viver. Afinal, o nosso mundo civilizado é um cemitério onde Haydn, Dante, Goethe, Junqueiro, Vivaldi, estarão em doloroso desespero perante este mundo naufragado e cruel. Ali, lembrava meu pai e minha mãe, ó chama longínqua e sagrada da minha juventude, ó mil alegrias...assim me vi arrebatado a altas horas da noite bafejado pela impetuosa música que me dominava e me fazia fechar os olhos para chamar rapidamente o sono. Lembrei Mozart, que nunca se armou em importante. Cantou as suas melodias divinas, sendo sempre pobre, morrendo pobre, enterrado numa vala, chorado apenas por um cão famélico. Ali, com Mozart sentia-me entorpecido pelo frio. Ali, mergulhado no abismo do sono eu pensava em alguns músicos de Mateus que palmilhavam dezenas de quilómetros a pé até chegarem às festas...lembrava-me comovido que no regresso e de acordo com as possibilidades físicas de cada um, havia quem chegasse a casa só por volta do meio dia chegando desfigurados e magros, mas felizes por servirem os desígnios de Frei Vicente. Outros traziam de grandes distâncias um farnel equiparado a um pequeno tesouro para a canalha que sofregamente devorava o que nele tinha dentro.

Normalmente tratava-se de bofes de porco, presunto, nacos de toucinho, chouriços, restos de carne de vitela e carne de pita como as crianças lhe chamavam. Para o tempo eram puras guloseimas...a manhã entrava já pela vidraça, manhã plúmbea e amaldiçoada para um dia de inverno frio e chuvoso.